21 h. **Jantar**

Delícias da Cozinha Maubere

As frequentes viagens a que o nosso povo foi geralmente obrigado a fazer dentro da sua própria terra, ao longo da sua existência, condicionaram um determinado tipo de alimento de fácil transporte ou de confecção rápida, nas paragens obrigatórias ao longo das ribeiras, onde o ciciar dos kakeus, o cantar das águas, o assobiar dos bambús, se confundem com o canto de quem trabalha nas várzeas, ou uma flauta escondida jorrando notas fresquinhas, dum pastor de búfalos. E esse contacto frequente ao longo das ribeiras, com outros mauberes de outras partes do país, generalizou-se por toda a ilha, no seio de todo um povo. Assim podemos encontrar nas montanhas, um povo transportando além do seu fardo o «Katupa», o «Koirambo», ou junto das ribeiras fazendo o «Tukir» ou o «Sasati».

Pensamos que somos ainda um povo em viagem dentro do nosso próprio país, forçado a isso pelas bombas e pelo napalm. Por isso, aos nossos convidados apresentamos com muito carinho, o «Tukir», o «Katupa», o «Koirambo» e o «Sasati», enquanto se deliciam com um pouco da nossa música, que se pode ouvir também, em lindas noites de luar, onde acontecem os tebes, tão maravilhosamente executados pelo nosso povo.

Katupa é um prato de arroz. Para a sua confecção, o maubere entrelaça folhas de coqueiro sob as mais variadas formas, ao sabor da sua imaginação, que vão constituir o recipiente onde se deita o arroz a que se adiciona um pouco de sal e cebola. Depois é cozido numa panela com água e coco ralado. Pode ser servido quente ou frio. Geralmente é usado nas rações de viagem ao bazar ou à horta, para onde o maubere parte antes do nascer do sol e volta só depois de ele se esconder.

Koirambo é um doce frito à base de farinha de arroz, à qual se junta o mel. Faz parte obrigatória do farnel das nossas crianças que se deslocam das suas terras para longas distâncias, onde se encontram as escolas das missões.

Tukir é uma especialidade criada pelo nosso povo e favorecida por um recurso natural — o bambú. Para o «Tukir» é necessário um cabrito, ao qual depois de morto, se extraem as vísceras. A seguir, lava-se com a água da ribeira e é cortado em bocadinhos e condimentado com sal, cebola e leite de coco. Em seguida corta-se o bambú de forma a constituir um recipiente onde se coloca a carne já temperada e vai ao lume a assar. À medida que a carne vai assando, o bambú vai-se queimando, transmitindo à carne um cheiro e sabor característicos. Deve ser servido quente.

Sasati é também uma especialidade feita a partir da carne de cabrito, que depois de cortado em bocadinhos, é condimentado com cebola, sal e piripiri, vai à brasa a assar. Enquanto se executa esta operação, faz-se o molho de «sasati», feito com «sutati» (molho de soja), piripiri e fruto de tamarindo. Então, tira-se a carne da brasa e rega-se com molho, pronto para ser servido.

TL 4632

FRETILIN

Programa
da Música de Câmara
e do Jantar

oferecido pela FRETILIN
por ocasião da sessão sobre
Timor-Leste
do Tribunal Permanente dos Povos

na Associação Cabo Verdiana

Lisboa,
20 de Junho de 1981

20.15 **Concerto de Música de Câmara**
do compositor e maestro maubere
Simão Barreto | Naiulun

1 | POEMA I (Agosto de 1978), para flauta, declamador e kakolo, representa a primeira experiência do autor na conjugação do timbre do kakolo na música erudita ocidental. Daí a sua intervenção quase titubeante, a dizer insignificante em relação à voz e à flauta, nem por isso deixa de ser saliente por causa do seu timbre altamente penetrante e exótico. O kakolo é um instrumento de percussão de Timor, feito de bambú, utilizado não só para enviar mensagens de um lado para o outro em ritmos codificados, como também para guardar hortas e campos de sementeiras, afastando os pássaros e outros animais. Esta peça é composta de três partes, baseadas em poemas extraídos de «Indícios de oiro» de Mário Sá Carneiro. «Não», «Certa voz na noite ruivante» e «Sete». Os três intervenientes na execução, cada um no seu universo, formam planos paralelos, parecendo estar em conflito entre si, mas dão um conjunto coeso (que na sua sobriedade é orginal), como escreveu Francine Benoit. POEMA I foi estreado pela 1.ª vez em Março de 1980, em Castelo Branco, seguidamente executado em Portalegre, Beja, Faro, Paços de Brandão, na Sociedade de Autores e no Quarto Encontro de Música Contemporânea, na Fundação Gulbenkian, em 1980.

2 | POEMA II está na mesma linha do I, composta para flauta, kakolo, canto e harpa. Foi estreado em 1980, no Quarto Encontro de Música Contemporânea, no Auditório I da Fundação Gulbenkian.

3 | INTERLÚDIUM para flauta e solo, foi composto numa noite de insónia. Daí, como disse o seu autor, o seu conteúdo, quase desconexo e forçado.

4 | POEMA III Sufocaste Minha Cultura, que o autor chama de poema III para flauta, canto, kakolo e harpa, vai hoje ter a sua primeira audição absoluta. Está baseado na fusão de dois poemas do malogrado e talentoso poeta timorense, morto na guerra de resistência ao invasor, Francisco Borja da Costa: «O Rasto da Tua Passagem» e «Um Minuto de Silêncio». Na ponta da tua baioneta me obrigaste a beber a tua cultura e sufocar a minha, costuma dizer o autor, «Um Minuto de Silêncio», sessenta batimentos de dor profunda em memória dos que derramaram o seu sangue por uma Pátria, uma Nação, uma terra que é sua, para defender o que os identifica e os orgulha: a sua cultura, a sua tradição, a sua história e a sua identidade nacional.

Intérpretes:

Maria João Serrão | Soprano
Clotilde Rosa | Harpa
Carlos Franco | Flauta
Catarina Latino | Percussão
Kautay | Daclamador

Simão Barreto | Naiulun **e sua obra**

Em 24 de Fevereiro de 1940, na remota localidade de Zoil-Pho, Guda, Iolotoe, no coração dos antigos reinos de Lamakitu, nasceu Naiulun. Filho de uma família de camponeses, cresceu e desenvolveu num meio cultural de heróicas tradições de resistência patriótica contra a colonização e dominação estrangeiras.

Desde muito cedo, soube sentir e viver a repressão cultural, facto que o marcou profundamente, fazendo dele um combatente da causa do povo de que é filho, para o que utiliza a cultura como uma arma indestrutível.

Matriculou-se na Universidade de Lisboa e no Conservatório Nacional de Lisboa, onde completou o curso superior de composição, com altas classificações, tendo como professores Artur Santos e Jorge Croner de Vasconcelos. Foi igualmente aluno de Campos Coelho (piano), Herbert Anton Zills (violino) e François Broos (violeta).

É violinista da Orquestra Sinfónica da R. D. P.

Do conjunto da sua obra merece especial destaque: Dezenas de harmonizações feitas sobre as mesmas canções, já várias vezes executadas em concertos públicos, nomeadamente nos três Últimos Encontros Amadores da Área de Lisboa, e ainda num festival Internacional de Folclore, dos Pirinéus, Oloron, França, de Oviedo e Salamanca, Espanha;

Quarteto de Cordas, não estreado, composto em 1972, quando frequentava o Conservatório Nacional de Lisboa;

Ensaio (Fevereiro de 1981), inédito, para orquestra de cordas, flauta, xilofone, prato e blocos, obra essencialmente composta para orquestra da Fundação dos Amigos das Crianças;

Sequência THEI para orquestra de cordas e canto, uma sequência de canções mauberes que coligiu.

A propósito dos Poemas I e II que teremos oportunidade de ouvir, escreveu um dos grandes compositores ainda vivos, Joly Braga Santos: «São extraordinariamente interessantes os poemas de Mário Sá Carneiro, que o jovem Simão Barreto habilmente musicou. Um dos aspectos que distinguem esta obra é o de extrema economia de meios.

Simão Barreto consegue um comentário extraordinariamente sugestivo aos poemas de Mário Sá Carneiro apenas com voz recitante, flauta e kakolo no Poema I e soprano flauta, kakolo e harpa no Poema II. É uma das provas da capacidade criadora do autor» (IN 20.6.80). Francine Benoit comentava: «Há neles frescura, sinceridade, e Simão Barreto trouxe de Timor, sua terra natal, uma pontinha do genuíno exotismo.

A propósito da utilização do termo Poema para alguma das suas peças musicais, em vez da terminologia musical mais usual, Simão Barreto sugere: «Aqui a poesia é música e a música é poesia, conjugadas com o ritmo que é alma de ambas. POEMA é uma espécie de ode ao som, na personificação da Poesia, Música e Ritmo».